

Galvêas inicia negociação com o clube em outubro

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, revelou ontem que irá a Paris, na primeira quinzena de outubro, para negociar formalmente a dívida externa brasileira com os governos dos países industrializados que integram o Clube de Paris. Indagado se, até a data de sua viagem, o Fundo Monetário Internacional terá aprovado o programa econômico brasileiro, Galvêas foi lacônico: "Não está nada programado".

Galvêas confirmou que irá à reunião anual do FMI, no final de setembro, mas foi reticente sobre o andamento das negociações com aquele organismo para a conclusão do novo acordo, o qual permitirá ao Brasil sacar as parcelas do empréstimo ampliado acertado no começo do ano. "Não tenho nenhuma informação sobre isso", confessou o ministro, pouco antes de se dirigir ao Palácio do Planalto, onde manteve mais uma reunião de "rotina" com o ministro do Planejamento, Delfim Netto.

Fonte qualificada do Ministério da Fazenda admitiu que o Brasil negociará 90% da dívida com os governos dos países industrializados, que totaliza cerca de US\$ 9 bilhões. As condições de reescalonamento evidentemente não estão definidas, mas normalmente o Clube de Paris concede prazos dilatados e juros mais favoráveis que os negociados por quaisquer países com os bancos comerciais internacionais.

Outra fonte da Fazenda disse que as negociações com o FMI estão quase concluídas e que o ministro do Planejamento, Delfim Netto, tentou convencer o diretor-gerente do Fundo, Jacques De Larosiére, de que o Brasil não tem condições de acabar com o déficit do setor público no próximo ano. Essa meta, somada a uma queda de inflação ao nível de 55% em 84, levaria o País todo "a comer calango e rato", conforme o assessor.

O governo brasileiro, ainda segundo a fonte, já admite que o PIB (Produto Interno Bruto) terá crescimento negativo de 3% este ano, justamente por causa da necessidade de o País ajustar sua economia. Quanto aos comentários acadêmicos sobre a necessidade de o País reativar sua economia, outro graduado assessor de Galvêas foi ontem bastante frio: "Como fazer isso? O que temos a fazer agora é administrar essa crise, evitando convulsão social, e só".

Ainda na área oficial, os técnicos começam a contestar o próprio acordo com o Fundo Monetário Internacional, entendendo que o mais razoável, a esta altura, seria o País romper seu compromisso com aquele organismo, porque sua orientação ortodoxa está levando a economia brasileira a uma "quebradeira" generalizada.